



FILOSOFIA DE BAR (REFLEXÕES)

Tiago Schipanski

Cruzei com a Morte na esquina, mas ela não me olhou. Tentei consolar-me com a hipótese de que ela não teria me reconhecido. Eu, que sempre nutri considerações agradáveis pela sua pessoa, não poderia aceitar que ela fosse arrogante. De impulso, reduzi o passo e voltei meu olhar para trás. Nossos olhares se encontraram. Ela me fitava. A uns dez metros, parada, como quem deixou escapar algo que não devia. Tentei retribuir o sorriso que recebi, mas ela havia tornado a andar antes dos meus músculos obedecerem ao estímulo.

Eu também segui meu caminho. Minto. Aquele sorriso fez me entrar na primeira porta que o próximo quarteirão apresentou. Embora acostumado com a imagem da Morte que o bom senso ajudou-me a formar, encontrá-la pessoalmente revelou uma característica que eu não imaginava. Não revelou, foi o contrário, afinal, o que senti foi um enigma. Um enigma pessoal e parecia ela saber algo sobre mim que eu não sabia.

Entrei em um bar. A princípio rumava para a biblioteca, como gostava de fazer quando sentia vontade de me isolar das outras pessoas. Sempre, na verdade, que não precisasse estar no escritório. Nem mesmo em meu apartamento encontrava paz. Era sempre um vizinho, uma visita, a visita de um vizinho, um ser humano qualquer que buscava atenção quando queria voltar a minha para mim mesmo. Na biblioteca, ao menos, a regra era rígida. Se não bastasse estar quase sempre vazia, a boa educação impedia contatos sonoros.

Poucas vezes entrei em um bar. Naturalmente evitava espaços com pessoas e barulho e, uma leve soberba de quem vivia com a cara enfiada nos livros, desvalorizava o empenho daqueles que só liam rótulos de bebidas. Mas o sorriso da Morte deixou-me farto de mim mesmo. Adentrei no alegre recinto procurando vida e, de súbito, criei uma identificação entre as bibliotecas e os cemitérios. Silêncio, memórias, a inércia do registro que carece do interesse de outrem para reavivar. Seria o tom fúnebre que me atrai às prateleiras?

Desejava uma mesa vazia, um canto do qual pudesse observar o ambiente todo. Seria impossível, estava tudo lotado. Conferir com atenção me trouxe uma surpresa. Não distante do balcão o posicionamento de duas mesas revelava que nem sempre quatro lugares bastam. As duas peças de plástico encostadas uma na outra davam suporte a garrafas, copos e cotovelos. As vozes daqueles que as ladeavam às vezes se sobrepunham umas às outras, se faziam ouvir no outro canto da taberna ou se tornavam apenas uma intuição de quem flagrava, a certa distância, aqueles lábios se mexendo. Tratava-se de velhos conhecidos, aparentemente tão deslocados de contexto quanto eu.

Aproximei-me e fui convidado a me juntar ao grupo. Epiteto era o único que não bebia e me sugeriu pedir alguns dos petiscos que comia. Agradei, não tinha fome. Após cumprimentá-los, a conversa continuou como se não houvesse sido interrompida.

Aclamavam Sherlock Holmes por este se lançar à degustação de vinhos como quem não tem coisa mais importante a fazer do que se entreter com sabores e aromas. E no momento não tinha, rebatia. De fato esperava elementos decisivos para uma investigação em curso, mas não adiantaria sair à procura, pois só o tempo era capaz de trazê-los.

Foi a deixa para seu fiel companheiro Watson recordar as vigílias ao relento à espera do momento perfeito. Ou às vezes em que em nenhum outro lugar residiam as informações mais inquietantes sobre um evento, senão unicamente na cabeça de Holmes, e ele conseguia combater a excitação e mantê-las em segredo. E o doutor guardava todos os detalhes, mas sabia como inseri-los sem que tomassem o espaço dos fatos mais relevantes. E aquele monólogo tinha um espírito teatral. As histórias eram ricas e a maneira como eram expostas as valorizavam ainda mais. Ninguém melhor que ele para contá-las, afinal, era sua função e sempre a desempenhou belamente. Embora fosse de meu conhecimento quase todas as aventuras que ele descrevia aquela tarde, a narrativa oral adicionava um novo toque que não senti ao ler seus livros.

Ao cabo de mais uma taça, as atenções da mesa voltaram ao querido personagem de Watson, ali, sentado ao nosso lado. Ironicamente o interesse por seus feitos se dispersaram e a conversa dos amigos lentamente mudava de rumo.

“Devo cumprimentá-lo, Sr. Holmes - começou Epiteto - pois sei o quanto é difícil se educar a ponto de dominar as emoções e entender o quanto a preocupação é infrutífera.

Eu insisto nesse ponto porque comprovei na minha vida que não há nada mais valioso que a tranquilidade da alma. Não seria correto dizer que para possuí-la vale fazer qualquer coisa, porque, na realidade, o grande segredo é não fazer certas coisas. Como, por exemplo, se

ocupar antecipadamente com aquilo que tem uma dinâmica independente da nossa interferência.”

“Como se fôssemos capazes de fazer crescer cabelo com a força da mente” – completou Jesus, pousando sua taça na mesa.

“Ué, mas e aquela história de que a fé move montanhas?” perguntou Édipo, para tentar Jesus. “Metáforas”, foi a resposta que recebeu.

“Mas e porque quereríamos que as coisas fossem de outro jeito, se sabemos que tudo está programado para acontecer da melhor forma possível? –tomou a palavra Epiteto- e só observar a natureza e perceberão como a ordem divina encaminhou tudo para a perfeição.”

“O Deus que assim trata as ervas do campo e os passarinhos não cuidaria com igual ou maior apreço os queridos seres humanos?”

“Ué Jesus, deixou de chamá-lo de pai”- cutucou um engraçadinho.

“Não vê que é por respeito ao Édipo que ele evita essas referências?” respondeu Freud num sussurro. De fato Freud tinha um carinho muito especial por Édipo e por sua influência os demais também respeitavam a história do infeliz rapaz. Ninguém fazia piadas com a sua mãe, por exemplo.

“Vocês pode achar que seja exagero que um velho aleijado como eu acredite que não poderia estar trilhando melhor caminho que esse que percorro. Mas se o destino quis que eu o perseguisse mancando, acredito que esse detalhe também faz parte de seus planos! - continuou Epiteto com bom humor.

O importante é caminhar para o lado certo. De qualquer forma, de que adiantaria tentar mudar de direção? Não há como escapar, apenas me cansaria a toa, pois se eu não vou até o destino, o destino viria até mim, não é mesmo Édipo?”

O descuido impróprio de um estoico pegou todos de surpresa. Todos voltaram o olhar para Epiteto, menos eu. Voltei-me para mim mesmo.

Toda aquela conversa havia me deixado inquieto. Será que ele estava certo? E eu, que sempre procurei o que nunca tive e cheguei à velhice sem ter conquistado os meus anseios, como me encaixo nesse universo perfeito? Para quantos acenos do destino abaixei a cabeça e segui como quem olha para um ponto indeterminado. Mas se é verdade que o destino me encontraria mesmo eu tentando fugir dele, como que eu cheguei a ver o sorriso da Morte solitário e sem reconhecer o meu lugar no mundo?

Ou talvez meu destino seja o de um perseguidor de sonhos. E não poderia ter sido de outro jeito. Talvez assim como aconteceu à Édipo, o destino sorria para mim toda vez que eu

virava a cara para ele. Um sorriso enigmático como o da Morte. Como se também soubesse sobre mim algo que eu não sabia.

Acabei ficando constrangido com o meu silêncio. A mesa tinha vida, as vozes ora dialogavam, ora tornavam-se um emaranhado de sons quase indecifráveis. Dionísio acabava de deixar mais garrafas à mesa e o único cachimbo disponível alternava entre os lábios de Freud e Holmes.

Desejei sair. Despedi-me apressado com a desculpa de que alguém me esperava na rua.